

SINPEEM - 29º Congresso de Educação

**Resistência e resiliência: a ação educadora
frente às políticas públicas**

**“ IN - TRANSIGIR E DECOLONIZAR –
INSURGÊNCIAS POSSÍVEIS EM TEMPOS DE
EMERGÊNCIAS IMPOSSÍVEIS –
ARTICULAÇÕES ENTRE O PEDAGÓGICO E O
DECOLONIAL.”**

**MARINA PEREIRA DE ALMEIDA MELLO
UNIFESP- Campus Guarulhos**

“Sigo acreditando que devemos buscar as diferenças não para nos tornamos “iguais” mas para que a tolerância e a indiferença deem lugar à “compreensão”. Só as diferenças podem nos salvar dos fundamentalismos. Venturosa seja a multiplicidade que multiplica razões e afetos, transformando “ameaças” em possibilidades. ”

.

***“Eu estou aqui por vocês
e vocês estão aqui por
mim”***

Thich Nhat Hanh

“Compreensão é a natureza do amor. Entender o sofrimento do outro é o melhor presente que podemos oferecer ao nosso semelhante. A compreensão é o outro nome para amar. Quem não compreende, não ama.”

“Quando há um diálogo verdadeiro, ambos os lados estão dispostos a mudar.”

THICH NHAT HANH

Os também alentados por testemunhos de gratuita amorosidade à vida, que fortalecem, em nós, a necessária, mas às vezes combalida, esperança. A própria ética do mercado, sob cujo império vivemos tão dramaticamente neste fim de século, é, em si, uma das afrontosas transgressões da ética universal do ser humano. Perversa pela própria natureza, nenhum esforço no sentido de diminuir ou amenizar sua malvadez a alcança. Ela não suporta melhorias. No momento em que fosse amainada sua frieza ou indiferença pelos interesses humanos legítimos dos desvalidos, o de ser, o de viver dignamente, o de amar, o de estudar, o de ler o mundo e a palavra, o de superar o medo, o de crer, o de repousar, o de sonhar, o de fazer coisas, o de perguntar, o de escolher, o de dizer não, na hora apropriada, na perspectiva de permanente sim à vida, já não seria ética do mercado. Ética do lucro, a cujos interesses mulheres e homens devemos nos submeter, de formas contraditoriamente diferentes: os ricos e dominantes, gozando; os pobres e submetidos, sofrendo.”

Paulo Freire in “Pedagogia da Indignação”

◆

DEMO-CRACIA PARA QUÊ E PARA QUEM?

- ♦ Nem todos somos ouvidos da mesma maneira
- ♦ Nem todos podemos falar
- ♦ Nem todos podemos estar
- ♦ Nem todos podemos ser
- ♦ Nem todos somos vistos como portadores de legitimidade, autoridade, e dignidade.

POLÍTICA – POLÍTICAS

POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS – OU DE “DISCRIMINAÇÃO POSITIVA”

- ♦ Significado de **Discriminação**

- ♦ n.f.

1. Ação ou resultado de discriminar, distinguir ou diferenciar;

2. Habilidade de distinguir ou estabelecer diferenças; discernimento;

3. Ato de afastar, segregar ou apartar; designação da ação de marginalizar ou tratar de maneira diferente e parcial, devido a diferenças de cariz sexual, racial, religiosos, entre outros; referente ao ato de tratar de forma indevida ou injusta; do mesmo significado de segregação.

discriminação positiva = aglomerado de regras ou leis que visam proteger grupos socialmente segregados, atribuindo determinadas proteções e direitos específicos a esse grupo, com o objetivo de garantir a igualdade de oportunidades

discriminação racial = comportamento de segregação relativamente a pessoas de raça, etnia ou nacionalidade diferente

CAPITALISMO/CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

- ♦ **CRISE; RACHADURAS; RUPTURAS**
- ♦ **CAMINHANDO PARA UM NACIONALISMO ONDE O NEOEXTRATIVISMO E A CRIMINALIZAÇÃO DO PROTESTO SÃO OS EIXOS MAIS EVIDENTES DE MUANÇA E PROGRESSÃO.**

LUTAS PELA DESCOLONIZAÇÃO

- ♦ lutas que ainda requerem;
 - ♦ aprendizado,
 - ♦ desaprender
 - ♦ e reaprender, ação, criação e intervenção.

LUTAS PELA DESCOLONIZAÇÃO

- ◆ Momentos complexos que hoje provocam:
 - ◆ Movimentos de teorização e reflexão;
 - ◆ Movimentos não lineares mas serpentinos
 - ◆ Não ancorados na busca ou projeto de uma nova teoria crítica ou de transformação social
 - ◆ Mas sim na **construção de caminhos**
 - ◆ —de estar, ser, pensar, olhar, escutar, sentir e viver com sentido o horizonte de(s)colonial.

COLONIZAÇÃO: INVASÃO, OCUPAÇÃO, SAQUE, EXTORSÃO, USURPAÇÃO

- ♦ América? Brasil? Seria aqui a Índia? Estes são, portanto, os índios.
- ♦ Um ato político, epistêmico e colonial (no sentido de manifestação e prevalecimento de um poder) de ocupação territorial e dos corpos – ocupação, exploração, usurpação
- ♦ A invasão como momento inaugural – desses vínculos que instauram – a distinção entre:
 - ♦ De um lado o europeu (dominador, conquistador por excelência e pelo dever que a missão civilizatória – de redenção - via educação e catequização) lhes autorizava e lhes impunha ; cujo lado, saber, posse das armas
 - ♦ Do outro lado (ou: dos outros tantos lados – que não o europeu: América, África, Ásia.... o lado dos fracos, primitivos, impuros, pagãos...
- ♦ Porém, trata-se de um encontro que, a despeito do que nos foi ensinado – **é polissêmico e multifacetado.**

PEDAGOGIA DA DOMINAÇÃO X PEDAGOGIAS DE LIBERTAÇÃO

É a partir desse horizonte histórico de longa duração (que envolve colonialismo – e dentro dele

- ♦ – colonização, escravidão, mercantilização, ocupação, extermínio – genocídio, epistemicídios)
- ♦ ... é a partir desse horizonte que o pedagógico e o decolonial adquirem sua razão: política, social, cultural, existencial ..

PEDAGOGIA DA DOMINAÇÃO X PEDAGOGIAS DE LIBERTAÇÃO

- ♦ Lutas
- ♦ Rebeldia
- ♦ Aquilombamentos
- ♦ Insurgência
- ♦ Organização e ação dos povos originários primeiro e, em seguida dos povos africanos e afro-descendentes
- ♦ de transgressão, de subversão da dominação para “seguir sendo, sentindo, pensando e vivendo decolonialmente – apesar do poder colonial”

PEDAGOGIA DA DOMINAÇÃO X PEDAGOGIAS DE LIBERTAÇÃO

- ♦ como apostas de ação fortemente radicadas na vida, nas memórias coletivas que os povos indígenas e afrodescendentes têm conseguido manter como parte de sua existência e de seu ser:
 - ♦ aquilo que seus ancestrais: andrógenos, homens, mulheres, líderes, sábios e sábias, guias, mestres – ensinaram por meio de seus exemplos, palavras, histórias, ações:
 - ♦ eles deram direção à necessidade pedagógica de uma existência digna, complementar e relacional entre os seres - vivos e mortos, humanos e outros - com e como parte da natureza, da mãe Terra;

PEDAGOGIA DA DOMINAÇÃO X PEDAGOGIAS DE LIBERTAÇÃO

- ♦ é essa memória coletiva que desarticula a racionalidade colonial – fundada nos binarismos dicotômicos; na ideia de um mundo cindido em bem e mal; em mente e corpo; em céu e inferno; em natureza e cultura; em humanos e des-humanos,
- ♦ e que se prevalecem da racialização e generificação dos humanos – com o intento de classificar, hierarquizar e des-humanizar; de modo a viabilizar um padrão de poder
- ♦ Contudo, apesar do poder sistêmico arrasador - **do padrão colonial** – outros mundos, outras possibilidades, outras formas de estar, ver e sentir o mundo nunca desapareceram – e, ao contrário, seguem de pé, multiplicam-se

PENSAR EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DECOLONIZADORAS IMPLICA EM FAVORECER:

- ♦ re-surgimento, elevação e edificação,
- ♦ práticas pedagogicamente compreendidas - práticas como pedagogias - que, ao mesmo tempo, desafiam e desafiam a única razão de modernidade ocidental e poder colonial ainda presentes, desengajando-se dele.
- ♦ Pedagogias que estimulem o pensamento com genealogias, racionalidades, conhecimentos, práticas e sistemas civilizatórios que vivam diferentemente.
- ♦ Pedagogias que incitam possibilidades de ser, de ser, de sentir, de existir, de fazer, de pensar, de olhar, de ouvir e de conhecer de outra maneira, pedagogias ancoradas em processos e projetos de caráter, horizonte e intenção decolonial.

A PEDAGOGIA QUE NÃO DEFENDO

- ◆ No sentido instrumentalista do ensino e da transmissão de um saber desancorado do corpo; descarnado, des-incorporado;
- ◆ Que se limite aos espaços escolarizados

O CARÁTER PEDAGÓGICO DOS MOVIMENTOS QUE RESISTEM

- ♦ As lutas sociais também são cenários pedagógicos onde os participantes exercem suas pedagogias de aprendizagem, desaprendizagem, rea-aprendizagens, reflexão e ação;
- ♦ Pois partem:
- ♦ Da identificação e reconhecimento de um problema;
- ♦ Anunciam o inconformismo com a condição de dominação e opressão;

O CARÁTER PEDAGÓGICO DOS MOVIMENTOS QUE RESISTEM

- ♦ Organizando-se para intervir
- ♦ Seu propósito: transformar uma situação injusta e desfavorável e tornar possível um outro mundo;
- ♦ Trata-se de um processo de ação, tipicamente levado de maneira coletiva e não individual;
- ♦ Suscitam reflexões e aprendizagens sobre a situação/condição colonial;
- ♦ Engendram atenção às práticas políticas, epistêmicas, vivenciais e existenciais que lutam por transformar os padrões de poder e os princípios sobre os quais o conhecimento, a humanidade e a existência têm sido circunscritos, controlados e subjugados.

A PEDAGOGIA QUE DEFENDO

- ♦ Como metodologia imprescindível dentro de – e para – as lutas sociais, políticas e epistêmicas de libertação;
- ♦ Pedagogias como práticas, estratégias e metodologias que são tecidas com e na resistência e na oposição; assim como na insurgência, no aquilombamento, na afirmação, na reexistência e na re-humanização
- ♦ como algo dado e revelado; [que faz] abrir, transferir, interromper, irromper, deslocar e reverter práticas e conceitos herdados – favorecendo o movimento (contrariando – aquilo que se quer estático, imóvel, íntegro e puro)

A PEDAGOGIA QUE DEFENDO

- ♦ essas metodologias psíquicas, analíticas e organizacionais que usamos para saber o que achamos que sabemos , possibilitar conversas e solidariedades diferentes; como um projeto epistêmico e ontológico ligado ao nosso ser
- ♦ [...]. Pedagogias que invocam o conhecimento subordinado produzido no contexto das práticas de marginalização, a fim de desestabilizar as práticas de conhecimento existentes e, assim, ultrapassar os limites fictícios de exclusão e marginalização. (Alexander, 2005 apud Walsh, 2013).

INSURGÊNCIAS/EMERGÊNCIAS

- ♦ ANOS 90 – DECLÍNIO DA PEDAGOGIA CRÍTICA DE CARIZ MARXISTA
- ♦ NÃO MAIS PREDOMINANTEMENTE UMA LUTA DE CLASSES, MAS
- ♦ UMA LUTA PELA DESCOLONIZAÇÃO
 - ♦ liderada, organizada e imaginada em grande parte pelos povos e comunidades racializados que têm sofrido, resistindo e sobrevivendo à colonialidade e dominação.

INSURGÊNCIAS/EMERGÊNCIAS

- ♦ É essa insurgência que levou a repensar / refundar
 - ♦ refletida nas recentes constituições do Equador e da Bolívia, que apontam para a construção de sociedades, estados e modos de vida radicalmente diferentes.
- ♦ É neste ressurgimento e insurgência que se inserem as atuais conjunturas

não só destes dois países, mas também a nível continental,

- ♦ que provocam e inspiram novas reflexões e considerações pedagógicas e,
- ♦ ao mesmo tempo, novas releituras em torno da problemática histórica da (des) humanização e (des) colonização.

PEDAGOGIAS QUE PERTURBAM E DESTROEM

- ♦ o que Rafael Bautista (2009) denominou de
 - ♦ "mito racista que inaugura a modernidade [...]"
 - ♦ e monólogo da razão moderno-ocidental";
 - ♦ Pedagogias que se esforçam para transgredir, deslocar e influenciar a negação ontológico-existencial, epistêmica e cosmogônico-espiritual que tem sido - e é - perícia, fim e resultado do poder da colonialidade.
 - ♦ Pedagogias que traçam caminhos para ler criticamente o mundo e intervir na reinvenção da sociedade, como apontou Freire,
 - ♦ mas pedagogias que ao mesmo tempo animam a desordem absoluta da descolonização ao trazer uma nova humanidade, como Frantz Fanon apontou.

- ♦ É neste sentido que se propõe a articulação entre o pedagógico e o decolonial
- ♦ Como e com que propósitos e perspectivas se vai traçando seu caminhar
- ♦ Expressões pedagógicas de resistência, insurgência e rebeldia que
 - ♦ provocam rachaduras e deslizamentos de terra na ordem moderna / colonial, enquanto dirigem esperanças, horizontes e projetos "outros".

FANON E FREIRE

- ♦ **das fronteiras e da subversão da mesma colonialidade.**
- ♦ “O oposto de intervenção é adaptação” - “É acomodar ou simplesmente adaptar-se a uma realidade sem questioná-la” (2004: 34). Para Freire, a intervenção implicava necessariamente reconhecimento e assumir-se como político; assim assumiu e compreendeu o ato de educar e educar-se como atos políticos.
- ♦ “Não há prática social mais política do que prática educacional”, disse Freire

FANON E FREIRE

- ♦ "de fato, a educação pode esconder a realidade da dominação e da alienação ou, ao contrário, denunciá-los, anunciar outros caminhos, tornando-se assim uma ferramenta emancipatória "(2003: 74).
- ♦ Seu projeto então:
 - ♦ traçar rotas metodológicas e analíticas visando o reconhecimento dessa realidade / condição e em direção à consciência, politização, libertação e transformação humana.
- ♦ Com sua pedagogia do oprimido, Freire também destacou a responsabilidade de pensar criticamente,
- ♦ que implicava ter uma ética humana no mundo e com o mundo.

FANON E FREIRE

- ♦ Para Freire, essa ética era inseparável da prática educacional; estava enraizada na luta para confrontar as condições de opressão e suas manifestações,
- ♦ A pedagogia da esperança, na qual ele repensa a Pedagogia do Oprimido;
 - ♦ Na Pedagogia da Esperança fala-se mais de rebeldia, rebeldia como prática político-pedagógica da existência, da reinvenção da existência e da vida. (ex: os quilombos – a quilombagem, o aquilombamento como prática pedagógica decolonial...
- ♦ E é nesse movimento de autocrítica, ao repensar e repensar o mundo, que Freire demonstra a práxis crítica, não como algo fixo, identificável e estável, mas como prática e processo contínuo de reflexão, ação, reflexão, a chamada pedagogia perpétua".

FANON E FREIRE

- ♦ FANON
- ♦ "Eu não sou escravo da escravidão que desumanizou meus antepassados,"
- ♦ em um mundo marcado pelo capitalismo, eurocentrismo -
- ♦ desumanização, o racismo e a racialização estão, sem dúvida, entrelaçados.

FANON E FREIRE

- ♦ A descolonização, segundo Fanon, é :
- ♦ uma forma de (des) aprendizagem: desaprender tudo que foi imposto e assumir a colonização e a desumanização para reaprender a ser homem e mulher. estiverem envolvidos em sua derrubada,
- ♦ 'é inventar almas "(Fanon citado em Maldonado-Torres, 2005: 160).
- ♦ Fanon deixa claro que a descolonização exige tanto a própria consciência da alienação dos negros quanto a consciência dos brancos de sua cumplicidade no sistema moderno-colonial-racial;

FANON E FREIRE

- ♦ É a partir dos processos de (des) aprendizagem, invenção, intervenção e ação que pode desenhar perspectiva e proposta pedagógica Fanon,
- ♦ Para Fanon, a mudança social ou transformação - incluindo a restauração da humanidade - deve ser levada pelos próprios colonizados. uma experiência que vai além do indivíduo:
- ♦ Fanon visa tornar explícita a conexão entre o subjetivo e o objetivo, entre, por um lado,
- ♦ o complexo de inferioridade dos negros e dos povos colonizados e, por outro, a estrutura particularmente opressiva da sociedade colonial.
- ♦ Portanto, "fazer o mundo ético é uma consequência necessária da produção da existência humana, ou de prolongar a vida na existência" (2004: 98).

EMERGÊNCIAS POSSÍVEIS

- ◆ transculturação,
- ◆ sincretismo
- ◆ e diasporização